

Em entrevista coletiva, Fernando Henrique mandou recado curto e firme aos que cultivam catástrofes a respeito do real: a política cambial não muda. O governo prefere estimular a competitividade das vendas externas – financiando os exportadores – ou diminuir gastos com importações (abrindo a exploração do petróleo e incentivando a produção de componentes eletrônicos que pesam na balança comercial), a desvalorizar a moeda.

O presidente fez menção às “opiniões ponderadas” do professor Albert Fishlow, da Universidade de Berkley, para reiterar que o país está consciente de seus problemas e não teme enfrentá-los. Fishlow foi claro em sua passagem pelo Brasil: se o real está sobrevalorizado, a solução não está em sua desvalorização – a âncora tem significado político – mas no crescimento da produtividade e na competitividade do setor produtivo. Três anos de crescimento da produtividade e a defasagem cambial desaparece.

A confirmação de que o país está no rumo certo é a tendência do aumento das exportações – as vendas de bens industrializados em agosto cresceram 16% em relação a julho – e no fato de que as importações já encontraram seu teto. Ou seja: apesar do Congresso negacear na questão fiscal, os fundamentos da economia estão melhorando: o déficit comercial começa a ceder, o operacional está abaixo de 5%, a inflação é negativa e a economia cresce perto de 5% ao ano.

E há mais: o Brasil recebeu no mês passado um aporte incomum de dólares – quase quatro

bilhões – elevando as reservas do país a mais dos US\$ 64 bilhões registrados no início de agosto. Depreende-se, diante desses sinais alvissareiros, que o coro dos coveiros do real tende a ser cada vez mais envergonhado.

Não terá passado despercebido, em todo caso, a indisfarçável satisfação com que certos setores da oposição receberam a notícia dos ataques especulativos contra a Tailândia e outras economias do Sudeste asiático. São os derrotistas que torcem contra a Tailândia e contra o Brasil, contanto que tudo possa ser debitado na conta de Fernando Henrique.

Torcer contra os interesses permanentes da pátria é tarefa espinhosa e arriscada para esses profetas fracassados. Afinal, o apocalipse que deveria se seguir ao “estelionato eleitoral” de 94 não se produziu, a estabilidade monetária consolidada teve tremendo alcance social e não produziu recessão. O caos não passou de suposição.

No momento, as exportações crescem, as importações estacionam, a taxa de câmbio móvel absorve absorve as pressões exteriores. As bolsas ontem já estavam em alta. Para o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, os *hedge funds* que comandaram os ataques especulativos no Sudeste Asiático têm considerável volume de investimentos no Brasil. Não seria interessante para eles jogarem contra o próprio patrimônio.

Pelo visto, está cada vez mais difícil especular com a história, com base em cálculos partidários ou eleitoreiros.